

PÓS-GRADUAÇÃO E O ADOECIMENTO DO DOCENTE, BEM COMO, A RELAÇÃO PRODUTIVISMO X ADOECIMENTO NA ACADEMIA

GRADUATION AND THE ILLNESS OF THE TEACHER, AS WELL AS THE RELATIONSHIP PRODUCTIVISM X ILLNESS IN THE ACADEMY

José Michelson Benício Belo¹
Diógenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO: Partindo da relação entre a intensificação do trabalho e o processo de adoecimento docente, o artigo examina a problemática do produtivismo acadêmico e do adoecimento do professor dos cursos de pós-graduação. Produtividade acadêmica é a denominação de uma superestimação do rendimento e uma notória desconsideração pela qualidade dos produtos produzidos pela pesquisa e pela formação de futuros pesquisadores. Este texto qualitativo investiga como o segmento acadêmico na pós-graduação interfere no bem-estar dos professores brasileiros. Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender o principal impacto da produtividade acadêmica na saúde do professor. A coleta de dados inclui uma revisão da literatura sobre o assunto e, para sua apreciação, utiliza-se a análise de assunto. Pesquisas mostram que o produtivismo acadêmico está prejudicando a saúde dos professores universitários brasileiros, revelando que as principais consequências são relevantes e relacionadas ao adoecimento mental e cansaço excessivo ligados à Síndrome de Burnout e o a assédio moral.

798

Palavras-chave: Adoecimento Docente. Pós-Graduação. Produtivismo Acadêmico.

ABSTRACT: Starting from the relationship between work intensification and the process of professorial illness, the article examines the problem of academic productivity and the illness of professors in graduate courses. Academic productivity is the denomination of an overestimation of performance and a notorious disregard for the quality of the products produced by research and the training of future researchers. This qualitative text investigates how the academic segment in post-graduation courses interferes with the well-being of Brazilian professors. Therefore, this paper aims to understand the main impact of academic productivity on teacher health. Data collection includes a review of the literature on the subject and, for its appreciation, subject analysis is used. Research shows that academic productivity is damaging the health of Brazilian university professors, revealing that the main consequences are relevant and related to mental illness and excessive fatigue linked to Burnout Syndrome and Moral Harassment.

Keywords: Teacher's illness. Post-Graduation. Academic Productivism.

¹Graduado em Letras pela FAFICA. Pós-Graduação Latu Sensu em Avaliação Educacional língua Portuguesa pela UFPE. Cursando Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School. E-mail: michelsonpe@gmail.com.

²Graduado em Biologia pela UFRPE. Doutor em Biologia pela UFPE. E-mail: alphadiogenes@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente Artigo será desenvolvido a partir dos estudos sobre as temáticas da relação entre pós-graduação e adoecimento do docente e desenvolverá a respeito da exposição notória na sociedade de uma conexão entre produtivismo e adoecimento na academia.

Para uma melhor assimilação, é essencial explicitar termos como “pós-graduação”, “adoecimento e ou saúde mental”, e “produtivismo”, todos esses conceitos ou correlacionado. Para isso, o hodierno plano de pós-graduação objetiva uma real integração tanto com a educação básica quanto com o ensino superior, tal alteração compete progressão importante, visando a real conexão dos níveis de ensino nacional (BRASIL, 2010).

Por outro lado, a saúde mental é um fator importante, pode fazer os ajustes necessários para lidar com as emoções positivas e negativas. Investir em estratégias que equilibrem a função mental é essencial para interações sociais mais saudáveis.

Nesse contexto, fica claro uma realidade que vem se apresentando nas universidades brasileiras, tendo em vista as novas exigências da sociedade. Isso porque, docentes estão sofrendo as consequências do avanço da ideologia neoliberal, por meio das políticas educacionais estabelecida pelo Estado. Essa nova forma de organização tem levado, de modo crescente, ao esquecimento do trabalhador como ser humano, com suas fraquezas e medos, ansiedades, bem como seus limites, contribuindo, dessa forma, podem torná-los mais vulneráveis física e psiquicamente, resultando, muitas vezes, em adoecimento.

Além de ser um determinante da estabilidade física, a saúde mental também está relacionada à qualidade das interações individuais e coletivas. E, por último, mas não menos importante, o produtivismo defende a produção ou a melhoria da produtividade como principal objetivo a ser alcançado. Portanto, este artigo tratará da correlação entre saúde mental e produtividade, pós-graduação e adoecimento do professor.

PÓS-GRADUAÇÃO E O ADOECIMENTO DO DOCENTE

O problema que apresentamos aqui, no entanto, não diz respeito exclusivamente à necessidade de voltarmos nosso olhar ajuizador para o tipo de

produtividade científica que tem sido imposta aos docentes no meio universitário e de procurarmos compor um padrão acadêmico que conecte a universidade à sociedade real, concreta.

Nosso objetivo central é debater a vinculação entre essa dinâmica produtivista e a saúde desses professores; mais precisamente, apontar de que maneira essa agenda de atividades vem provocando, cada vez mais, mágoa e adoecimento entre eles.

Sendo assim, consideramos que a “rebeldia competente” contribuiria também para alterar a relação que os docentes têm construído com o firmamento acadêmico de forma a conservar sua saúde física e mental. imprescindível alertar que não estamos tratando de nenhuma novidade no que diz respeito à saúde e ao adoecimento de professores da educação superior: a literatura vem apontando tal questão, especialmente a partir de meados da década passada.

Em geral, as crescentes exigências em torno do desempenho e do rendimento científica são apontadas como principais responsáveis através do acrescentamento de quadros de sofrimento e adoecimento entre os professores universitários, sintetiza essa síndrome da seguinte forma “Está associada a sintomas relacionados à exaustão mental, emocional, fadiga e depressão. São sintomas comportamentais e mentais, e não apenas físicos, e relacionam-se ao trabalho. Tais sintomas acometem pessoas “normais” e associam-se à queda do desempenho no trabalho, causada por posturas e comportamentos negativos. As dimensões da Síndrome envolvem exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho.” (Lacaz, 2010, p. 56).

Desse modo, precisamos lidar com a próxima interrogação: como nos certificarmos de que tais modos de sofrimento e adoecimento têm, de fato, vinculação com as exigências do trabalho?

Em se tratando da atividade acadêmica, esse pedido inquieta ainda mais, uma vez que estamos à frente de uma espécie de trabalho também assistido como gratificante e prazeroso. há uma relação direta entre sofrimento/adoecimento e atividades realizadas em contato com estudantes, o que tende a comprovar o que vem sendo oferecido pela literatura que destaca a ocorrência de casos de síndrome de Burnout entre professores, a intensa obrigação de produção científica seja a causa essencial de sofrimento entre docentes do ensino superior. Como diria Disser:

Muito se tem escrito sobre o processo saúde-doença, no entanto um novo instrumento intelectual para a apreensão da saúde e da doença deve levar em conta a distinção entre a doença, tal como definida pelo sistema da assistência à saúde, e a saúde, tal como percebida pelos indivíduos. Ademais, deve incluir a dimensão do bem-estar, um conceito ainda mais amplo, no qual a contribuição da saúde não é a única e nem a mais importante. O sofrimento experimentado pelas pessoas, suas famílias e grupos sociais não corresponde necessariamente à concepção de doença que orienta os provedores da assistência, como os profissionais da Estratégia Saúde da Família” (p. 8).

A exposição supracitada pontua e evidencia que a questão da saúde é tanto mais ampla quanto complexa, pois, o sofrimento e a sua respectiva assistência, detém diversos agentes envolvidos.

Outra variável que precisa ser apontada é o preconceito de valorizar a "dor", pois a doença não está intimamente relacionada ao processo de sentir dor, pois pode haver algumas doenças e a dor nunca se manifestou.

O problema é que muitos desses sujeitos enfermos não fazem da dor um pré-requisito para seu comportamento anterior (interno), ou seja, o ato de “encobrir” sentimentos, ansiedade e ansiedade é um auxiliar oculto e silencioso da doença.

Encobrir ou reconhecer o que nossos ancestrais e predecessores estabeleceram na história acabará por levar a um grupo de pessoas que adoeceram por diversos fatores, mas independentemente do nível geográfico ou cultural, a relação trabalho-gestão será afetada ou adoecerá.

É essencial instruir sobre adoecimentos crônicos que podem afetar o educador. Ao analisarmos as interações sociais aí presentes, devemos refletir sobre as relações de identidade/distanciamento/aproximação estabelecidas entre os diversos atores sociais envolvidos no processo de adoecimento crônico e na organização do cuidado, conforme assinalado por diversos estudos sobre o assunto.

Nelson F. de Barros e colaboradores assumem que o adoecimento crônico é responsável por grande número de mortes e incapacidades em todo o mundo; porém, as intervenções biomédicas mostram-se limitadas ao alívio do sofrimento uma vez que não consideram o caráter subjetivo do processo, a saber, a experiência do adoecer, como diz Charmaz: “O processo de adoecimento crônico é caracterizado por oscilações no controle dos sintomas, da progressão das lesões e disfunções, dos processos de mediação social da condição crônica (CHARMAZ, 1991).

Por fim, é necessário estabelecer a relação entre trabalho, ou seja, docência na pós-graduação e o adoecimento mental, psíquico e por vezes, afeta o físico. A palavra trabalho etimologicamente possui duas origens no latim: tripalium, instrumento de tortura, e labor, ação ligada ao cultivo, plantação.

Esses dois significados já nos mostram o quanto o trabalho pode exercer funções radicalmente diferentes em nossas vidas. Há uma grande expectativa social sobre o trabalho acadêmico.

Comumente visto como algo de muito respeito, podemos concebê-lo como lugar do conhecimento, da descoberta, da pesquisa e da reflexão. Infelizmente, também é possível defini-lo a partir de características como meritocracia, rendimento, cobranças excessivas, pressão por resultados e constante ameaça de perda do trabalho.

As relações de trabalho muitas vezes são mediadas por essas noções, tornando comum a discussão e desqualificação do trabalho do outro. Se por um lado, há uma idealização do trabalho acadêmico, muitos estudantes vivem em um constante estado de tensão e ansiedade. Além disso, nem sempre há identificação com a pesquisa que está sendo realizada.

O produtivismo acadêmico impregnado dos valores capitalistas, tem como uma das características a predominância do caráter quantitativo, de modo que a qualidade das pesquisas muitas vezes é relegada a segundo plano. Tal característica implica em uma forma de alienação que reduz as possibilidades de se reconhecer no trabalho e promove um esvaziamento do seu sentido. Os critérios de avaliação da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão responsável pela pós-graduação no Brasil, traduzem bem essa questão ao fomentar o aspecto quantitativo da produção acadêmica.

No espaço da fenomenologia o estresse é inerente do viver humano que é continuamente interpelado a partir daquilo que acontece, de sua relação com o mundo e consigo mesmo.

Estresse significa solicitação, no caso solicitação excessiva. Em geral, a solicitação exige em cada caso um corresponder de alguma forma. A esse corresponder, pertencem também, como privações, o não-corresponder e o não- poder-corresponder. (HEIDEGGER, 2009, p.181).

Segundo Heidegger (2009), a doença pode ser assimilada a uma restrição à liberdade. O produtivismo coloca os alunos (trabalhadores) no mesmo nível mecânico que as ciências naturais, excluindo as características básicas da existência humana. Na academia, os conceitos científicos, por meio de sua aceitação, só serão reconhecidos quando seguirem esses mesmos indicadores nos padrões das ciências naturais. Nessa interpretação, a idealização da prática acadêmica e do próprio conhecimento científico se configura como uma restrição à liberdade que pode existir de outras formas e causar doenças.

Vale ressaltar que o processo de tratamento não exclui a necessidade de repensar os projetos de ensino e as condições de trabalho na pós-graduação. Estratégias de enfrentamento coletivo e mobilização social em grupo são outras possibilidades para a prevenção de doenças. É preciso reconhecer a pós-graduação, melhorar os investimentos, condições e relações de trabalho, mas também buscar ajuda quando preciso.

PRODUTIVISMO X ADOECIMENTO NA ACADEMIA

O processo de privatização e mercantilização do conhecimento deu uma nova razão e função social à universidade pública. A nova ordem neoliberal aproxima este ente público do mercado, apresentando-o em uma lógica empresarial, segundo a qual, a qualidade foi substituída pela produtividade e o saber pelo custo benefício (RODRIGUEZ; MARTINS, 2005). Com isso, o produtivismo acadêmico é consequência das políticas mercantilistas que contrapõem a educação superior enquanto direito social e tornam-na mercadoria.

Nesse contexto, convém ressaltar que o produtivismo acadêmico, equivalente a uma lógica de mercado, diz respeito a considerar quantidade como se fosse qualidade, dando-se “ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância” (ALCADIPANI, 2011, p. 1174). Tal conjuntura vai ao encontro da afirmação de Debord (1997) que assegura que a perda da qualidade em razão do aumento da produtividade é uma demanda do mercado.

Segundo Alcadipani (2011), o produtivismo acadêmico torna-se um processo de pesquisa de produção em massa. A academia tem se transformado em um mercado produtivista, isto é, passou a medir os docentes por números. Dessa forma, o tempo para

pensamento é deixado de lado, a formação dos alunos é escamoteada e a evolução intelectual passa a significar apenas números em uma tabela.

Bosi (2007, p. 1513) explica porque professores se constituem seguindo a lógica do sistema. Segundo ele, essa política de crescimento exagerado da produção acadêmica tem por objetivo o específico ato produtivo, ou seja, ser e sentir-se produtivo. Em uma análise com professores de pós-graduação *stricto sensu*, por exemplo, o autor (IBID., p. 1517) concluiu que existe o sentimento de frustração com suas carreiras quando não conseguem um desenvolvimento materializado em publicações, pois um artigo não aceito por uma revista é compreendido como uma reprovação pessoal.

Alterações desta natureza, que indicam para o adoecimento mental dos docentes, dominam a preocupação dos que têm estudado, como Sguissardi (2000; 2009; 2010), os problemas decorrentes do produtivismo na Universidade brasileira.

O compromisso do docente exige um ritmo acelerado de trabalho, o que sobrecarrega o exercício da docência, da pesquisa, das atividades de ampliação e coloca em risco a saúde física, mental e social desses profissionais. Dessa forma, entende-se que tanto o trabalho quanto a saúde dos professores serão desenvolvidos de várias maneiras, conforme o contexto social e econômico em que estão inseridos.

O trabalho é visto como energia, tempo e competência que se comercializa e troca para sobreviver e conviver com outras pessoas. Além disso, produz relações sociais, subjetividades e possibilita ao homem a realização de seus desejos (SAMPAIO, et al, 1995). No entanto, quando o trabalho se torna fonte de tensão, de desprazer, de insatisfação, gera um aumento da carga psíquica que, sem possibilidade de alívio, dá origem ao sofrimento e à patologia (DEJOURS, et al, 2011).

Dessa forma, o trabalhador docente de nível superior tem vivenciado acontecimentos que estão alterando tanto o significado do trabalho como a sua saúde. O processo profissional docente em geral e superior em individual, insere-se em um quadro de alterações, no qual as possibilidades políticas, econômicas, sociais e culturais têm transformado as experiências de trabalho e seu enfrentamento. O desgaste ocasionado pelas novas exigências dessa atividade tem ocasionado problemas de saúde para alguns educadores (DEJOURS, 1992).

É fundamental pontuar, ainda, que se observam dois métodos construídos pelo trabalho, um de saúde e o outro de doença. De um lado, é um espaço de

possibilidades de construção da história individual, de desenvolvimento de habilidades e atitudes e de expressão das emoções. De outro, um espaço propício para o desenvolvimento de “enfermidades ocupacionais”, afetando a saúde física e mental do trabalhador (ARAÚJO, et al., 2005).

Entende-se, portanto, que essa forma de gestão da produtividade está muito próxima do que se demonstra atualmente nas organizações capitalistas. As consequências no aumento da construção intelectual são evidentes, mas os problemas dessa configuração produtiva têm trazido complicações para os docentes universitários, tornando-se um problema a se pensar tanto na gestão universitária, quanto na saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos artigos e livros selecionados para este estudo, fica claro que o atual paradigma aguardado pelos pesquisadores brasileiros se centraliza no maior número de publicações científicas num dado decurso de tempo. Isso porque esta metodologia passa a interferir no tempo e espaço entre a vida acadêmica e pessoal, que acaba por ser compactuada em uma só. Com isso, o docente se desvia de si, perdendo o comando sobre seu trabalho e está fadado à exaustão.

É fundamental pontuar, que as sequelas dessa espetacularização abalam também a produção e os autores da ciência no cenário universitário. Dessa forma, ainda que alguns professores, independente da natureza e dos fundamentos sociopolíticos que conduzem suas reflexões epistêmicas, tenham ajudado a edificar de forma estimulada um novo padrão de produção científica universitária, seja atuando em programas de Pós-Graduação, seja produzindo exaltada, os efeitos sobre a saúde desses profissionais não adiarão e têm se revelado de forma física e também mentalmente.

Nesse contexto, convém ressaltar que a análise bibliográfica nesta pesquisa foi importante para comprovar que o produtivismo acadêmico está prejudicando a saúde dos docentes das universidades brasileiras, o adoecimento no alto nível de produção tem sido evidente. Isso porque tanto os professores podem estar sofrendo por estas doenças, quanto podem apenas apresentar sintomas relacionados a elas.

Portanto, cabe mencionar que essa forma de coordenação da produtividade está muito próxima do que se constata atualmente nas organizações capitalistas. Os resultados

no aumento da produção intelectual são evidentes, mas as adversidades dessa configuração produtiva têm trazido complicações para os docentes universitários, tornando-se um problema a se pensar tanto na gestão universitária, quanto na saúde pública. Por isso, é oportuno que estudos futuros possam dar ênfase a esse assunto, pois o sofrimento mental de docentes é uma pauta que exige atenção, especialmente em função das consequências na vida acadêmica, que toma a forma de primeiro motivo nos egressos do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, Rafael. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. Cad. EBAPE.BR, v. 9, nº 4, opinião 3, Rio de Janeiro, Dez. 2011.

ARAÚJO, T. M, et al. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 29, n. 1, p. 6-21, jun. 2005.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. Revista Educação & Sociedade. Campinas, vol.28, n.101, pp. 1503-1523. Set./Dez. 2007.

Cronicidade[e-book]: experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das ciências sociais / Organizadores: Marcelo E. P. Castellanos, Leny Alves Bomfim Trad, Maria Salete Bessa Jorge, Ilse Maria Tigre de Arruda Leitão. – Fortaleza: EdUECE, 2015. p.46 : il., color

DEJOURS, C. A loucura do trabalho. 5.ed. São Paulo: Cortez/ Oboé, 1992.

DEJOURS, C., et al. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

Lacaz, F. A. C. (2010). Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. Universidade e Sociedade, 19(45), 51-59.

Lima Netto, Aristóteles Mesquita de. Adoecimento dos docentes de pós- graduação stricto sensu: um estudo de caso: as influências da mercantilização do ensino superior neste adoecer. 2020. 184 f. Tese (Programa de Pós- Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

RODRIGUEZ, M. V; MARTINS, L. G. A. As políticas de privatização e interiorização do ensino superior: Massificação ou democratização da educação brasileira. Revista de Educação, Valinhos, v. 8, n. 8, p. 41-52, 2005. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view/176/173>. Acesso em: 24 set. 2021.

SGUISSARDI, Valdemar (org.). Educação superior: velhos e novos desafios. São Paulo: Xamã, 2000.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SILVA, Eduardo Pinto

e. Trabalho intensificado, na universidade pública brasileira. Revista Universidade e Sociedade (Reforma da Educação e Trabalho Docente), DF, ano XIX, nº 45, janeiro de 2010.

RODRIGUEZ, M. V; MARTINS, L. G. A. As políticas de privatização e interiorização do ensino superior: Massificação ou democratização da educação brasileira. Revista de Educação, Valinhos, v. 8, n. 8, p. 41-52, 2005. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view/176/173>. Acesso em: 24 set. 2021.